

PRÊMIO DE CRÍTICA LITERÁRIA FERREIRA DE CASTRO – EDIÇÃO 2010
2º LUGAR
A SELVA: ROMANCE E TESTEMUNHO NA AMAZÔNIA

Adriana Aguiar ¹

De longe a longe, Alberto surpreendia também quatro ou cinco cruzeiros rústicos apodrecendo entre a erva alta, nos pontos mais elevados da margem. A visão perdia-se rapidamente, abafada pela selva que avançava sobre o pequeno cemitério, a espalhar vida sobre a terra da morte. Contudo, essas necrópoles humildes, onde não existiam mármore, nem solenes epitáfios, constituíam o único elemento romântico daquelas solitárias paragens.

Ferreira de Castro, *A selva*

O fragmento que nos serve de mote, retirado do romance *A selva*, lembra-nos a tese VII de “Sobre o conceito de história”, em que Walter Benjamin afirma: “todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão” (1994, p. 225). A história, na perspectiva benjaminiana, é marcada pela humilhação e pela morte de inúmeros seres humanos. Criticando o procedimento aditivo da história, Benjamin afirma que “ela utiliza a massa dos fatos, para com eles preencher o tempo homogêneo e vazio” [tese XVII] (1994, p.231), deixando submersas as tragédias² vividas pelos antepassados. Ao navegar por espaços asilados da Amazônia, Alberto, o protagonista do romance castriano, parece ir aos poucos descortinando o véu de esquecimento em que subjazem os herdeiros da barbárie abafada pela selva.

Na contramão da história oficial, que se lançou como discurso poderoso, abarcando realidades universais e lançando à margem os silenciados e vencidos, Benjamin (1994, p. 223) propõe [tese III] que “nada do que um dia aconteceu

pode ser considerado perdido para a história". Nesse contexto, se a história monumental (cf. DUBY, 1991) só se interessa pelos grandes acontecimentos, o cronista não deveria distinguir entre os grandes e os pequenos, porque a história autêntica deveria ser contada a partir da história dos vencidos, dos que, efetivamente, tomaram as rédeas do processo: os operários, os pobres, os sobrepajados. Como observa Michael Löwy (2005, p. 60), "contra a visão evolucionista da história como acumulação de conquistas, [...] ele a percebe de baixo, do lado dos vencidos, como uma série de vitórias de classes reinantes". O que Benjamin propõe, portanto, é uma apreensão, de forma fragmentária, das diferentes realidades humanas, sobretudo aquelas varridas para longe do historicismo.

Se a história não foi capaz de narrar a dor dos vencidos, quem poderá contá-la? Onde o cronista poderá catar as marcas daqueles que foram espezinhados pela massa dos fatos? Na perspectiva de Antoine Compagnon (2006, p. 222),

a história dos historiadores não é mais uma nem unificada, mas se compõe de uma multiplicidade de histórias parciais, de cronologias heterogêneas e de relatos contraditórios. Ela não tem mais esse sentido único que as filosofias totalizantes da história lhe atribuíram desde Hegel. A história não é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura.

A partir da concepção de uma micro-história, do particular em detrimento do universal, é possível buscar, então, a história fora da História e abrir possibilidades de um encontro entre o que durante séculos tratamos como antípodas: ficção e realidade. Antípodas que tendem a se fundir, uma vez que a consciência de que história e literatura são formas de narrar, tomou parte na construção de outro paradigma tanto no campo da Teoria literária quanto da História, como se verifica nesta afirmação de Roger Chartier, no artigo "A História hoje: dúvidas, desafios e propostas":

uma razão abalou ainda mais profundamente as certezas antigas: a conscientização dos historiadores de que seu discurso, qualquer que seja sua forma, é sempre uma narrativa. [...] De fato, toda história, mesmo a menos narrativa, mesmo a mais estrutural, é sempre construída a partir de fórmulas que governam a produção das narrativas. As entidades com que os historiadores lidam (sociedades, classes, mentalidades, etc.) são “quase personagens”, dotadas implicitamente das propriedades dos heróis singulares ou dos indivíduos ordinários que compõem as coletividades que essas categorias abstratas designam. (1994, p. 3-4)

O estudioso francês corrobora as idéias de Walter Benjamin de que a macro-história é um discurso oficial que está a serviço dos vencedores e busca assegurar o poder nas mãos das elites, na tentativa de desviar o olhar dos oprimidos das tragédias. Chartier, ainda no mesmo artigo, estabelece uma analogia entre a história e o romance como gênero literário, ao afirmar que aquela “não traz mais nem menos um conhecimento verdadeiro do real do que o faz um romance” (1994, p. 10), ligando-os por serem ambos formas de apreender o real.

Para Márcio Seligmann-Silva (2003, p. 375), a verdade é que o “limite entre a ficção e a realidade não pode ser delimitado. E o testemunho justamente quer resgatar o que existe de mais terrível no real para apresentá-lo. Mesmo que para isso precise da literatura”. Nesse sentido, torna-se imprescindível rever o paradigma do texto literário unicamente como ficção e refletir sobre as potencialidades do discurso silenciado habitar os subterrâneos narrativos, a partir do testemunho dos que ficaram sem História e para os quais restou somente a ficção como caminho para narrar o real, a dor, a catástrofe.

Com a proposta de refletir sobre literatura na perspectiva da história social, o historiador e crítico literário, Nicolau Sevcenko (2003, p. 30), também acede à possibilidade de, a partir da literatura, apreender-se outras concepções acerca da história, uma vez que a literatura “fala ao historiador sobre a história

que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram [...]. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens vencidos pelos fatos". E mais adiante afirma:

Pode-se, portanto, pensar numa história dos desejos não consumados, dos possíveis não realizados, das idéias não consumidas. A produção dessa Historiografia teria, por consequência, de se vincular aos agrupamentos humanos que ficaram marginalizados ao sucesso dos fatos. Estranhos ao êxito mas nem por isso ausentes, eles formaram o fundo humano de cujo abandono e prostração se alimentou a literatura (2003, p. 30-31)

Ora, é desse alimento que a narrativa de Ferreira de Castro se constrói. Numa época em que a corrente crítica da nova história ainda era incipiente, para não dizer quase inexistente, o escritor concilia memória afetiva e factual com a literatura para narrar a história dos desejos não consumados, dos marginalizados da *Belle époque*. Como afirma Márcio Souza,

o romancista, também seringueiro, tirou sua literatura desse cadinho de irritação que os melhores intelectuais brasileiros cultivavam, naqueles anos de republicanismo falido e provincianismo ideológico. *Romance a clef, A selva* foi a explosão de um outro mundo insuspeito, terrível e diferente do mundo das capitais amazônicas (2010, p. 136)

Pensamos, portanto, o romance de Ferreira de Castro como uma das formas de apreensão de uma micro-história, sem, contudo, cair no desacerto de reduzir a literatura ao real e a História à ficção. No prefácio intitulado "Pequena história de *A selva*", presente na edição comemorativa dos vinte e cinco anos de publicação do romance, o romancista afirma:

A selva, drama dos homens perante as injustiças de outros homens e as violências da natureza, estava destinada a ser, desde o princípio ao fim, para o seu próprio autor, uma pequena parcela da grande dor humana, dessa dor de que nenhum livro consegue dar senão uma pálida sugestão. (1995, p. 24)

Contrapondo o fluido contínuo e equilibrado do desenvolvimento advindo da comercialização do látex, fluido que também é contínuo e equilibrado como a história monumental, o escritor parece apreender um novo conceito de história, almejando uma literatura que fosse capaz de narrar a dor; e pela impossibilidade de expressá-la (a dor), tal qual sentiram ele e os anônimos da história, espera ao menos apresentá-la.

Ao escrever a tese IX de "Sobre o conceito de história", Benjamin evocou a queda e a expulsão do homem do jardim do Éden (LÖWY, 2005, p. 89), o Paraíso do mito judaico-cristão. Essa alegoria, ao que nos parece, encontra-se com a alegoria do Seringal Paraíso descrito no romance *A selva*. As personagens parecem rememorar que se houve um Paraíso, com árvores frondosas, não mais podemos degustá-lo. Partindo desse argumento, é possível pensar em dois paradigmas de paraíso: o autêntico, dos vencedores, habitantes do Éden e o perdido no meio da floresta Amazônica, lugar dos vencidos. Alberto, ao longo da narrativa testemunha esse aforismo:

[...] o tempo decorria e os que de começo, espalhavam energias, acabavam mostrando depauperamentos; os que haviam trazido expressão de futuros vencedores, arrastavam-se como vencidos; e por um que regressava ao ponto de partida, quedavam ali, para sempre, centenas de outros, esfrangalhados, palúdicos, escravizados ou mortos. (AS, p. 116)

Contrariando o mito do Eldorado amazônico, da cidade encantada onde a harmonia e a justiça social regem a todos, Alberto, entrevendo escritor

Milton Hatoum no seu último romance, adverte: ficamos órfãos do Eldorado. O seringueiro de *A selva* suscita a imagem do paraíso corrompido e inundado, do qual o homem da Amazônia tornou-se herdeiro e prisioneiro. O romance de Ferreira de Castro aviva a consciência de que aquela cidade encantada permaneceu no fundo rio, foi fruto de um devaneio, um mito antigo que não pode mais sustentar-se e dele a única herança que temos é somente um testemunho.

Alberto: catarse e testemunho

É sabido que Ferreira de Castro escreve *A selva* depois de morar num seringal às margens do Rio Madeira, e que por esse motivo o seu romance foi estudado muitas vezes a partir de um viés biográfico. Nossa proposta não segue essa linha, antes queremos tratar de um conceito de testemunho, no sentido etimológico daquele que viu, experimentou e sobreviveu. Dizer “eu vi” é mais intenso que dizer “eu ouvi” ou “eu senti”, de modo que a visão é genuinamente o sentido usado por aquele que testemunha. Na narrativa, Alberto engendra essa imagem ao sonhar com seu retorno a Portugal: “ele a *falar* do que *vira* e do que *fizera*, dos seus heroísmos anônimos e das suas abominações [...] (AS, p. 174). Ver e viver fundem-se na experiência do protagonista do romance.

Não obstante a ressalva feita sobre o viés biográfico encontrado em alguns estudos castriano, devemos admitir o tom confessional do romancista, que ao escrever sua obra é compelido a rememorar uma experiência traumática. Esses dois argumentos – o teor confessional e o rememorar o trauma (cf. SELIGMANN-SILVA, 2003) – assumidos pelo escritor português, tão somente corroboram a nossa perspectiva de estudar o elemento testemunhal presente na composição de *A selva*, anunciando, até certo ponto, um duplo contexto para o estudo do testemunho “na obra” (o protagonista) e sobre a obra (o escritor). Vejamos o que escreve o autor:

[...] durante muitos anos tive medo de revivê-la literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivavam, com pequenos machados, no grande mistério da floresta, as chagas das seringueiras. Um medo frio, que ainda hoje sinto, quando amigos e até desconhecidos me incitam a escrever memórias, uma larga confissão, uma existência exposta ao Sol, que eu próprio julgo seria útil às juventudes que se encontrassem em situações idênticas às que vivi. [...] Enfim, quinze anos volvidos tormentosamente sobre a noite em que abandonei o seringal Paraíso, pude sentar-me à mesa de trabalho para começar este livro. Tudo parecia já clarificado no meu espírito, a síntese dir-se-ia feita e os pormenores inúteis retidos, como sedimentos, no grande filtro que a memória emprega para não se sobrecarregar. (1995, p. 19)

Ferreira de Castro almeja apresentar ao leitor uma perspectiva ficcional e ao mesmo tempo realista da barbárie ocorrida na Amazônia, para tanto recorre a uma memória de fatos históricos para escrever o romance, alegando para o texto ora uma visão objetiva ora uma visão subjetiva. Esse entremear literário marcado pelo real e pela ficção toma força a partir do testemunho, que se associa tanto a um campo objetivo e histórico quanto subjetivo e ficcional. Para Alfredo Bosi (1995, p. 310),

o testemunho vive e elabora-se em uma zona de fronteira. As suas tarefas são delicadas: ora fazer a mimese de coisas e atos apresentando-os 'tais como realmente aconteceram' [...], e construindo, para tanto, um ponto de vista confiável ao suposto leitor médio; ora exprimir determinados estados de alma ou juízos de valor que se associam, na mente do autor, às situações evocadas.

A *selva* inscreve-se no emaranhado da memória factual e ao mesmo tempo afetiva do autor e, a partir de ambas, é que se dá a (re)elaboração do real. Contudo, o entrelace entre literatura e testemunho, ou seja, a transposição para a literatura não ocorrerá de forma imediata e genuína.

Não entendemos o romance de Ferreira de Castro, portanto, nem como pura historiografia somente ficção, mas como um paradigma dessa complexidade textual, como ressalta Luiz Costa Lima em *História. Ficção. Literatura*: “por mais forte que seja a determinação do ficcional, por mais que saibamos que não é o uso de recursos literários que favorece ou prejudica uma obra como historiográfica, ainda assim não conseguiremos separar totalmente as escritas da história e da ficção” (2006, p. 385). O teórico compreende a literatura para além de um fenômeno isoladamente estético. Para Costa Lima, literatura deve ser lida como manifestação cultural, que abre a possibilidade de registro do movimento que o homem realiza na sua historicidade. Dessa maneira concebidas, tanto historiografia quanto narrativa de ficção são formas de conhecimento do mundo, em sua temporalidade. Não se trata, contudo, de substituir a ficção pela história, mas de possibilitar uma aproximação em que todos os pontos de vista, contraditórios, mas convergentes, estejam presentes. Nessa perspectiva, consideramos que no romance em questão convergem ficção e testemunho da história, uma vez que a escrita extraída da memória do sobrevivente vincula-se não somente à experiência pelo choque (cf. BENJAMIN, 1994) de um indivíduo em particular, mas a uma coletividade de não-sobreviventes, de silenciados que ficaram sem história: os vencidos da Amazônia do ciclo da borracha.

João Camillo Penna, no artigo “este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano”, compreende que “a importância do testemunho [...] está ligada à possibilidade de dar expressão a culturas com uma inserção precária no universo escrito e uma existência quase que exclusivamente oral” (2003, p. 305). Na narrativa, somos dados a conhecer o espaço do seringal e a rotina dos que ali residem, por intermédio de Alberto, que além de sobrevivente é detentor da cultura letrada e dela se utiliza como

caminho para dar voz aos excluídos.

Para Seligmann-Silva (2006, p. 8), testemunho pode ser entendido em duas correntes: a) no sentido jurídico-histórico; b) de sobreviver; “de ter-se passado por um evento limite, radical, passagem essa que foi também um atravessar a morte, que problematiza a relação entre a linguagem e o real”, e completa: “toda obra de arte, em suma, pode e deve ser lida como um testemunho da barbárie” (2006, p. 12). Alberto, ao narrar o que viu, dá-nos testemunho, não apenas de uma experiência individual da barbárie, mas das histórias coletivas dos que com ele conviveram. Assim, é necessário destacar que o sujeito testemunhal opõe-se ao sujeito autotélico, posto que o testemunho elabora-se a partir de uma experiência coletiva (cf. PENNA, 2003). É pelo caminho que realiza o protagonista durante o percurso narrativo que o testemunho da barbárie vai sendo composto, como podemos observar no fragmento: “eram tardes quase sempre tristes, fizesse Sol ou chovesse, a escutar os cearenses, os seus sonhos derrotados, os seus amores interrompidos [...] (p. 124)”. Alberto não apenas passa pelos locais, mas se detém em cada lugar e colhe os elementos duplos que envolvem o testemunho: *testis e superters*.

Ao escutar as histórias pessoais de cada um, o estudante de direito que abandonou Portugal por disputas políticas vai aos poucos descobrindo o seringueiro e, como detentor da escrita, passa a testificar, a partir de sua passagem por todos os ambientes que compõem o seringal, a condição inumana em que estão postos os homens que ali convivem. Como nos chama atenção Cytrynowicz, “é preciso que cada documento da barbárie seja [...] estudado, criticado, [...] e exposto, de forma a tornar a história uma forma presente de resistência e de registro digno dos mortos, muitos sem nome conhecido e sem túmulo” (p. 137). É por intermédio de Alberto que o leitor passar a ter conhecimento da vida de Firmino e de outros tantos imergidos na imensidão da selva. Além disso, é também a partir dos deslocamentos do protagonista que o leitor conhece a casa de Juca, proprietário e explorador dos homens e da terra, e passa a ter uma compreensão holística do ciclo exploratório operado naquele espaço: “a casa aviadora explorava Juca, ele,

por sua vez, explorava os seringueiros, que eram, no fim, os únicos explorados. Mas Juca podia, ao menos, protestar, enquanto aos seringueiros nem sequer isso seria permitido" (AS, p. 201). Desse modo, aos poucos se compõe o testemunho da vida no seringal.

Além da incursão espacial que possibilita conhecer por vivência a servidão humana nos seringais, o protagonista realiza uma viagem ao interior de si mesmo (cf. RIOS, 2009): se na primeira parte do romance vive entre as fronteiras do imigrante, do europeu civilizado (cf. SANTIAGO, 1982), de um lado; e caboclo, selvagem, de outro; ao longo da narrativa essa fronteira é transposta pela experiência de uma dor coletiva. Aí, não se pode mais falar em fronteiras geográficas, em local e em global separando os indivíduos, uma vez que há apenas um único espaço em que todos estão submersos: o dos herdeiros da catástrofe.

Desde a saída do porto, em Belém do Pará, até a possibilidade da fuga no seringal Paraíso, o imigrante sofre uma experiência que o possibilita vivenciar um processo de catarse da visão que tem do homem local, como escreve: "a pensar nas bravas gentes, Alberto enternecia-se e agora compreendia-as melhor. Já eram outras para ele, assim vestidas com farrapos que a Europa ignorava" (AS, p. 124). A partir de uma relação de alteridade, Alberto modifica não apenas o seu pensamento em relação aos seringueiros, mas o modo como vê a si naquele espaço e descobre que, se obteve o benefício de residir na casa de Juca Tristão e de colaborar no centro comercial do seringal, não foi exatamente por sua pele européia, mas por sua condição de homem letrado que em algum momento serviu aos interesses capitalistas do seu senhor, assim como o seringueiro só era útil enquanto tinha força para extrair o látex.

Como estudante de direito, Alberto não se portou como advogado fidedigno na defesa do homem da Amazônia, em certa medida por temor, mas, sobretudo, por julgar que aquele espaço não respeitaria às leis seguidas nos tribunais europeus. Talvez o estudante precisasse ainda de uma aula no grande tribunal que é a história para tornar-se, de fato, bacharel. Todavia,

dentro dos aspectos testemunhais no percurso narrativo Alberto torna-se autêntica testemunha: tanto no sentido jurídico-histórico quanto no sentido de ter sobrevivido para testificar a barbárie.

Os seringueiros: margem e títere

Uma pergunta indica o tom desse último tópico: qual o lugar do seringueiro na narrativa de Ferreira de Castro? Começemos pela caracterização do seringal: no centro, a casa onde residia o proprietário, logo ao lado, próximo ao rio, o barracão, centro comercial de onde partiam os abastecimentos para o serviço extrativista; afastados da casa do explorador, localizavam-se os seringueiros, embrenhados na selva onde os galhos da seringueira quase adentram suas miseráveis habitações, saíam apenas uma vez na semana para pegar os escassos alimentos que mal repunham as energias gastas na viagem de ida e volta ao casebre e, na maioria das vezes, acabavam por encarecer o preço de sua carta de alforria.

A organização do seringal já revela traços de uma relação entre opressores e oprimidos: enquanto no centro o senhor vivia abastecido por seus mandatários; às margens os homens ansiosos por melhorias de vida, consumiam no trabalho inumado todas as esperanças de progresso. "Findadas suas forças, [...] os anônimos desbravadores iriam caindo, inexoravelmente, sob as febres palustres, transpassados pelas flechas envenenadas, desvairados pela ausência de amor – escravos, pobres, miseráveis [...]" (AS, p. 185). Como afirmamos anteriormente, Alberto logo que chega ao seringal é deslocado para o sítio de Todos-os-Santos, onde passa a residir com Firmino. Ali, aprende o trabalho de extração do látex e conhece de perto a floresta que tanto o assombrava. O período de convivência entre o nordestino e o português, mais do que mostrar os primeiros passos de um "brabo" na extração do látex, revela que

havia, sim, uma outra existência para além da do barracão. A selva não era apenas o quadrado limpo

a golpes de terçado e com a casa de Juca ao meio. Fora dali estavam o Firmino, o Chico do Paraisinho, o Procópio, o Joaquim, o Dico, o João Fernandes, os quatrocentos que saíam, todos os sábados, da maranha interminável. Vinham por uns litros de farinha, um quilo de jabá e a garrafa de cachaça que os fizesse esquecer o mundo inteiro e a eles próprios especialmente. (AS, p. 155)

Iletrado e isolado em torno de sua convivência com a fauna e a flora, o seringueiro é posto à margem da narrativa, como os anônimos da História, e raramente tem a oportunidade de falar por si próprio e testificar por si a dor e condição miserável em que sobrevive. É emblemática a passagem do navio “Justo Chermont” por Manaus, quando os seringueiros, sonhando em conhecer a cidade que centralizava o comércio do látex, quedam-se obrigatoriamente a contemplá-la das margens. Somente Alberto, a revelia, decide aproximar-se do centro urbano, mas logo descobre que não há lugar na cidade para homens da terceira classe.

Tratado como mercadoria, expulso para longe da cidade moderna, asilado no interior da floresta, o seringueiro passa seus dias a vislumbrar a mesma paisagem e a seguir a mesma rotina de extrativista, alterando-a, raramente, por ocasião de ferimentos graves ou doenças mortais, quando precisava caminhar longos percursos para chegar ao centro do barracão em busca de socorro ou apenas para proceder ao sepultamento dos corpos. A estrutura da narrativa cunha poucos momentos de fala do seringueiro, ora porque executa solitariamente o seu trabalho, ora porque não lhe é dado o direito a reclamar e a colocar-se diante das situações adversas. Aprendida a lição da mordaca, Firmino é quem aconselha Alberto, quando ensaia uma reclamação ou cobrança de melhores condições de trabalho a Juca Tristão. Ao colocar os seringueiros como personagens periféricos na narrativa, Castro, muito mais que expor uma conjuntura do seringal, evidencia a condição histórica a que estão submetidos.

Além do emudecimento a que estava obrigado, o homem mais fraco naquele sistema econômico de exploração experimentava todo tipo de violência: “a ameaça andava no ar que se respirava, na terra que se pisava, na água que se bebia, porque ali somente a selva tinha vontade e imperava despoticamente” (AS, p. 123). Não apenas ameaça natural, em certa medida realidade e imaginário, o seringueiro também sofria a violência dos jagunços e dos próprios colegas que se colocam como delatores da tentativa de fuga:

Você é empregado dele?

-Não. Nós somos todos seringueiros.

Alberto ficou-se a olhá-los, surpreendido. Como podia ser, como podia ser que as vítimas saboreassem também o papel de algoz? De que sórdida matéria era formada a alma de alguns homens, que gozavam em castigar a desgraça alheia, mesmo quando era igual à deles? (AS, p. 208)

Homem de caráter humilde, leal e justo, Firmino aceita a situação de degradado, vivendo solitariamente em Todos-os-Santos. Mas numa tentativa fracassada de romper com o ciclo, lança-se ao rio, num último entusiasmo de encontrar a liberdade e, quem sabe, o caminho de volta à terra natal. Contudo, rema apenas alguns metros e tem suas esperanças sucumbidas. Encarcerado, privado de alimento, apanha com couro de peixe-boi durante toda a noite para descontar a raiva do patrão injustiçado pela sua ingratidão.

A atitude dos seringueiros ao interromper a fuga do grupo, denuncia que mesmo entre os excluídos há também aqueles que espezinham os corpos silenciados. Agindo como títeres do seringalista, os trabalhadores e os jagunços que fazem cumprir as ordens do patrão se colocam contra os próprios colegas. Na ânsia de obter favor pessoal, reconhecimento e prestígio, servem com a própria alma aos mandos e desmandos de Juca Tristão, às vezes aterrorizando mais intensamente do que o patrão.

Condição parecida com a do seringueiro já havia experimentado o negro Tiago, usado agora como boneco nas brincadeiras de tiro ao alvo. Sempre servil, além de títere, o negro, exibe a proximidade entre os hábitos de punição no seringal e os da sociedade patriarcal escravista. É justamente por reviver uma experiência traumática, ao presenciar os castigos impostos ao Firmino e seu grupo, que Tiago se encoraja a ter atitude de justiceiro na terra onde não havia justiça. Tomado por recordações do horror, o “Estica”, como era chamado em alusão a sua deficiência física, põe fim aos mandos de seu senhor e às ameaças de perenizar o mal. A ação de Tiago marca o fim da narrativa. Reunidos ao redor da fogueira as personagens esperam a manhã que chegaria juntamente com o vento a espalhar as cinzas de uma história, até então, silenciada.

Últimas palavras

O romance luso-brasileiro de Ferreira de Castro revelou-se ao longo de nossa análise como um violento testemunho da barbárie, avivando a consciência de que a Amazônia, por mais distante da Europa (onde se testemunhou o século do horror), possui também as marcas de tragédias travadas em suas pequenas aldeias e vilas, deixando rastros nas páginas literárias. Como assegura Walter Benjamin, “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (1994, p. 225). *A selva*, além de romance, é narrativa amazônica de testemunho da guerra emudecida, forjada no labirinto da floresta. Seu enredo expõe que ao sustento da civilização na capital amazonense, correspondia o horror e o encarceramento humano na imensidão da selva. Se o ciclo da borracha representou o progresso para as capitais amazônicas, na mesma medida, o progresso tornou-se sinônimo de catástrofe (cf. BENJAMIN, 1994) e dismantelo do homem com a vida. Incrédulo, miserável, sem esperanças de retorno à terra natal, os operários da borracha contemplan o Eldorado ir-se embora, afundar-se como o ciclo trágico da borracha.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, V.1)

BOSI, Alfredo. A escrita do testemunho em Memórias do Cárcere. In: *Estudos Avançados*. vol. 9. n. 23 São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 15 out. 2009.

CASTRO, Ferreira. *A selva*. 37. ed. Lisboa: Guimarães, 1989.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. Trad. Dora Rocha. In: *Revista Estudos Históricos*. n. 13, 1994. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/140.pdf>. Acesso em 11 out. 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o Testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 123-138.

DUBY, Georges et al. *A nova história*. Tradução Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, 1991.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses Sobre o conceito de história*. Trad. Walda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo 2005.

PENNA, João Camillo. Este corpo, esta dor, esta fome: notas sobre o testemunho hispano-americano. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o Testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 297-350.

